

Perfil

O jornalista e repórter de televisão Cláudio Barcelos de Barcelos, mais conhecido como Caco Barcellos, nasceu em Porto Alegre, no dia 5 de março de 1950. Começou no jornalismo como repórter do jornal Folha da Manhã, do grupo Caldas Júnior. Com atuação destacada nos veículos da imprensa alternativa dos anos 1970, foi um dos criadores da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (Coojornal) e da antiga revista Versus, que apresentava grandes reportagens sobre a América Latina. Foi repórter dos maiores jornais do Brasil e das revistas de informação semanal IstoÉ e Veja. No fim dos anos 1970, foi correspondente internacional em Nova York. A partir de 2001, passou a atuar como correspondente em Londres, para a TV Globo. Nessa emissora, também atuou no Globo Repórter, Fantástico, Jornal Nacional

e, atualmente, comanda o Profissão Repórter. Publicou três livros: Nicarágua, a Revolução das Crianças; Rota 66, a História da Polícia que Mata, ganhador do Prêmio Jabuti (1993), na categoria reportagem, e de mais oito prêmios de direitos humanos; e Abusado, o Dono do Morro Dona Marta, vencedor do Prêmio Jabuti, como melhor obra de não-ficção de 2004. Em 2007, escreveu a peça de teatro Ôsama, The Suicide Bomber of Rio (Osama, Homem-Bomba do Rio), para o projeto Conexões, do National Theatre of London. Conquistou mais de vinte prêmios por reportagens especiais e documentários produzidos para televisão. Em 2008, recebeu o Prêmio Especial das Nações Unidas, como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram, nos últimos 30 anos, na defesa dos direitos humanos no Brasil.

Caco Barcellos

7 de maio de 2009, no StudioClio



Caco Barcellos foi um problema, um maravilhoso problema, mas impossível de ser solucionado: o StudioClio lotou. Lotou o bar, lotou a entrada e lotou boa parte da rua. Não havia como satisfazer a todos. Mas essa frustrante experiência foi também a prova de quem é Caco Barcellos, o repórter intransigente, que, de certa forma, reinventou o jornalismo investigativo na televisão. A mãe, dona Antoninha, sabe quando ele passou a madrugada investigando, ele está de olheiras. Foi muito aplaudido porque foi sério e descontraído, como gosta de ser.

Ruy

Eu comecei na *Folha da Manhã*¹ em 1973, ainda nem era formado em Jornalismo. Eu fazia, na verdade, Faculdade de Matemática, queria ser engenheiro. Quando fui contratado pelo jornal é que troquei de curso. Na *Folha da Manhã*, realmente, dei os primeiros passos na profissão. Na verdade, um pouco antes. O verdadeiro primeiro passo foi dado na companhia, e com a sabedoria, do jornalista Emilio Chagas. Os primeiros livros de qualidade que me passaram às mãos vieram do Emilio, do Licínio Azevedo, também jornalista, e de um primo querido que me ajudou muito com os livros fundamentais. Um pouco depois veio a *Folha da Manhã*.

Mestre Kolecza

Uma vez cheguei à redação, depois de um dia de muito esforço de apuração na Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. Era época da ditadura militar e tinha uma suspeita de um sequestro que o DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, pretendia fazer contra um militante que fazia oposição ao regime. Naquele tempo, você batia num gabinete e ouvia 50 “nãos”. Quando voltei, disse para o Carlos Alberto Kolecza, que era meu superior na *Folha da Manhã*, que eu tinha batido em todas as salas do primeiro andar da Secretaria de Segurança e ouvido “nãos”. Era impossível fazer a matéria. Ele me fez a seguinte pergunta: “Quantas portas você bateu mesmo?” Eu acho que tinha sido algo como dez portas. “E que andar você percorreu?” O primeiro andar inteiro do prédio da Secretaria de Segurança Pública. “Pelo que me consta”, disse o Kolecza, “a Secretaria de Segurança Pública tem quatro andares. Multiplica então por cinco. Tem mais 50 portas para você percorrer”. Eu voltei, o fracasso foi maior ainda, porque os andares acima eram da Polícia de Repressão. Ameaçaram me prender, me trataram mal, bateram porta, me empurraram. Voltei arrasado e expliquei para o Kolecza que não era a minha praia, contei toda a trajetória que havia percorrido. Ele me disse: “Olha, se você percorreu quatro andares, se contou as loucuras que fizeram com você, você tem um material precioso na mão. É algo muito importante, porque ouvir tanta negativa, tanta gente se escondendo de você, se você contar

toda essa aventura, é a melhor matéria que podemos ter. Muito melhor do que aquela que eu havia te indicado”. Legal, o mestre Kolecza. Esse ensinamento está sempre presente em cada passo que eu dou com barreira à frente.

Denúncia e demissão

Eu saí da *Folha da Manhã* em 1975 com um episódio um pouco chato: a partir de uma matéria minha, a saída de muitos da *Folha da Manhã*. Ou talvez a minha matéria tenha sido a gota d’água no meio de um processo que eu não tinha conhecimento. Foi o seguinte: sempre ganhei muita liberdade dos mais experientes, eles diziam: “Vá para a rua atrás de uma história e traga o que você achar interessante”. Numa madrugada, eu voltei com uma história que era assim: numa delegacia de polícia em Canoas/RS, acontecia uma partida de futebol – era uma metáfora dos policiais. Na madrugada, eles fechavam o xadrez, transformavam numa quadra e chutavam as vítimas – por isso associavam ao futebol. Tinha até um juiz que apitava quando havia qualquer movimento estranho na delegacia. Ele apitava, e a tortura parava. Eu fiquei lá, mais ou menos escondido, e fiz a narrativa deste episódio. Isso desagradou profundamente, me parece, o Secretário de Segurança, que teria pedido a minha cabeça. Cobraram do Licínio Azevedo, que era o editor da editoria responsável pela área de violência, a responsabilidade sobre mim. E ele disse: “Eu li a matéria, a matéria está correta, e eu não aceito que o Caco seja afastado daqui”. Aí, por cadeia, vários se afastaram, no total saíram 22. Para um inexperiente como eu era, foi inesquecível e sou eternamente grato.

Pelo mundo

Fiz uma viagem pela América do Sul e América Central, já então bastante fascinado com algumas experiências que eu tive em São Paulo. Naquele momento, nos anos 1970, havia um grande momento da imprensa nanica, da imprensa alternativa, havia veículos maravilhosos produzidos e criados por jornalistas. E eu estava envolvido, junto com o jornalista Marcos Faerman, na criação da revista *Versus*, que contava histórias dos povos latinos, sobretudo histórias de insurgências, de grandes revoltas. Reportagens históricas e também em tempo presente.

1 *Folha da Manhã* – jornal publicado em Porto Alegre pela Companhia Jornalística Caldas Júnior entre 1969 e 1980.



Então saímos para a América do Sul e América Central, com o Licínio Azevedo. Tínhamos um roteiro. Quando achávamos uma história, parávamos para apurar os fatos e depois para escrever. Passávamos as reportagens para as revistas alternativas e alguma coisa para a grande imprensa, para poder sobreviver, ter dinheiro. Fiquei nesse processo uns cinco anos, trabalhando de forma independente, com alguns intervalos de dois, três meses fixos numa redação. Em 1978, fui morar nos Estados Unidos, fiquei lá até 1979, ou comecei de 1980, e voltei, com planos de ir para o Líbano. Tinha até contatos. Eu sempre escondia da minha mãe estas aventuras. Eu contava depois que a aventura tinha passado: “Mãe, olha, eu estou aqui, estou bem e tal”. Nesta viagem para a América Central, eu sumi por um tempo.

Sempre repórter

Nunca deixei de ser repórter na vida, a não ser numa experiência no *Jornal da Tarde*, de São Paulo. Sabendo que eu vivia duro, trabalhando para ter dinheiro para a matéria seguinte, o Marcos Faerman me disse: “Olha, sobrou uma vaga aqui na edição do *Jornal da Tarde*” – que era um jornal que eu curtia muito, passava por uma fase muito criativa –, “você não quer trabalhar no lugar do editor por um mês, recebendo pelo trabalho dele?” – o que para mim era uma fortuna. “Essa fortuna me interessa muito, mas não tenho capacidade para ser editor. Eu nunca trabalhei como editor. “Tá, mas a gente dá um jeito, eu te ajudo.” E eu encarei a experiência. No primeiro dia eu fiquei lá,

acho que consegui resolver satisfatoriamente bem, mas no dia seguinte, eu sumi. Quando fui tomar um cafezinho no Estadão – uma lanchonete que ficava no centro de São Paulo –, no intervalo do trabalho, vi um grande movimento no hotel que ficava ao lado, o Jaraguá, um hotel famoso, o pessoal dos bombeiros entrando, depois uma ambulância hotel adentro, um agito grande. Eu lembro que botei a mão na maca e entrei junto, como se fosse um enfermeiro. Enfim, era um homicídio misterioso, num hotel que era cinco estrelas, e eu fiquei perdido lá nos corredores, tentando levantar a história. Eles achavam que eu havia sumido. De fato, eu sumi, mas cheguei a tempo do fechamento. Acho que eram duas, três horas da madrugada – naquele tempo, os jornais fechavam muito tarde. “Olha a página que eu tenho, eu sugiro que feche com esta reportagem aqui.” Eles toparam e eu continuei ali. Dei conta do meu sumiço. O pessoal achou muita graça desse episódio e disse: “Você não tem jeito, vá para a rua estes trinta dias aqui para continuar contando as suas histórias”.

Rum & terremoto

Eu nunca tomei um porre na vida. Um dia eu vou entender isso, quando fizer uma análise com profundidade. Houve uma vez, numa madrugada na América Central, quando estávamos na fronteira da Guatemala com a Nicarágua. Era 1976. Tomamos três garrafas de rum – o Licínio exigiu que fosse rum cubano, por todas as razões simbólicas contidas na garrafinha –,

mas quanto mais eu bebo, mais sóbrio eu fico. E aí, mais uma vez, eu fracassei na tentativa de tomar um porre. Nessa mesma noite, fui dormir sóbrio e caí da cama. Vibrei como se fosse o primeiro porre. Era o maior terremoto da história da Guatemala. Vinte e seis mil mortos. Sou sobrevivente. O epicentro, na verdade, foi longe de onde a gente estava. Nós estávamos na fronteira, e o epicentro foi no interior do país. A capital não sofreu tanto, porque a estrutura dos prédios previa estes abalos sísmicos. Mas no Interior, casas com paredes de adobe², grossas, desabaram e foi uma tragédia horrível. Nós tratamos de ir logo para o epicentro tentar cobrir aquele episódio. A Avani, minha ex-mulher, estava grávida, e durante o terremoto ela trabalhou no socorro dos feridos, porque a gente, evidentemente, tinha que se envolver nos grupos de trabalho, ajudando, servindo sopões no hospital de campanha. De lá fui pra São Paulo e cheguei duro, sem grana, mas com uma reportagem e muitas fotografias. Nós éramos os únicos brasileiros na cobertura. Deu para vender por uma grana boa.

A profissão certa

Eu sempre gostei dos factuais, quando envolve multidão, principalmente. Me encanta muito ter a oportunidade de acompanhar estas ações. Mesmo que às vezes eu não goste daquilo, acho incrível como há pessoas decididas, que tomam atitudes radicais. Até porque eu sou o oposto disso. Acho que escolhi a profissão certa porque eu, realmente, gosto de observar o comportamento do outro. Tudo aquilo que um dia eu possa vir a fazer, ou coisas que não tive coragem de fazer, eu gosto de observar. Um repórter é testemunha da história dos outros.

Repórteres de hoje

Nós abrimos um concurso, no *Profissão Repórter*, para contratar um repórter iniciante. Candidatos do Brasil inteiro enviaram um DVD respondendo por que queriam a vaga. Eu fiquei impressionado com a nossa dificuldade em encontrar um repórter mesmo. Recebemos milhares de DVDs, e a maior parte com um texto de boa qualidade, uma narração ótima, excelente postura de vídeo. Parece que as faculdades brasileiras priorizam a produção de jornalistas para a



edição e apresentação de telejornais. Para a reportagem de rua, mesmo, pouquíssimos candidatos se apresentaram, apesar de que no discurso falarem outra coisa. Quando você questiona, você percebe que o desejo mesmo é o de ocupar o espaço de apresentador. Evidentemente que há muitos potenciais repórteres, mas é difícil descobri-los porque o volume maior, muito maior, é de potenciais apresentadores.

Revogação da Lei de Imprensa

Confesso que, para mim, a revogação da Lei de Imprensa não altera muita coisa, porque o meio mais efetivo de você buscar responsabilidades é o da justiça comum, pela abertura de ações baseadas no Código Penal. Já estava funcionando dessa maneira. Muito também se discute sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da função jornalística. Eu não tenho opinião formada. O que adianta exigir diploma se hoje é possível fazer uma emissora em casa? Qualquer indivíduo pode fazer isso. Pode criar emissora de rádio, de TV, pode criar um *blog*. Você impede o acesso às redações para quem não tem diploma e o mundo inteiro recebendo informação de qualquer indivíduo, com ou sem diploma. A gente tem que discutir esse novo cenário e entender quais são os novos limites.

² Adobe – tijolos de terra crua, água e palha e algumas vezes outras fibras naturais, moldados em formas por processo artesanal ou semi-industrial.

Crítica à denúncia

Eu não gosto de criticar o trabalho alheio, mas, às vezes, eu fico incomodado com o fato de que tem gente que faz denúncia a partir de uma entrevista. O repórter aqui do meu lado, e eu começo a falar mal do governador, de um empresário, de amigos, e ele pensa: “É um furacão, uma denúncia incrível”, e manda ver na sua emissora de rádio, na sua TV, na revista, no *site* da Internet, ou escreve no seu jornal. No dia seguinte a repercussão, a polêmica. Acho isso irresponsabilidade, leviandade. Acho que a gente tem que ter um critério de rigor porque a denúncia não pode ser produzida num ambiente de controvérsia. Você tem que provar que cada palavra gravada ou dita naquela entrevista é verdadeira, antes de informar à população. E você tem o dever de procurar o acusado, antes de atingir a honra dele, de a sociedade tomar conhecimento da informação. Desse rigor, eu não abro mão. E o repórter não é obrigado a denunciar ninguém. Ele pode substituir aquele espaço por alguma reportagem positiva. Não pode ser pressionado a denunciar, jamais!

Talento

No conjunto, nunca parei para pensar no atual momento da imprensa. Mas, se você pescar exemplos isolados, tem trabalhos maravilhosos. Eu tenho críticas radicais muito sérias quando se trata de matérias investigativas e sempre que tenho oportunidade, eu discuto. Mas, mesmo no jornalismo investigativo, têm obras-primas praticadas por repórteres como Eliane Brum, da revista *Época*. Ela tem a virtude de atribuir grandezas às pequenas coisas, às pessoas não percebidas. É um talento incrível. E nós temos vários desses talentos. Até nas revistas, que eu detesto em seu conjunto, têm, às vezes, histórias maravilhosas. Os jornais também. Belas coisas sendo produzidas. Aliás, sou fã do meu time do *Profissão Repórter*, do caminho que eles percorreram, do trabalho que eles fazem, da energia que eles gastam.

Televisão

Eu decidi pela televisão faz muito tempo. Eu dei uma esnobada no primeiro convite que eu tive, feito pelo Luiz Fernando Mercadante. Ele estava indo para a

Rede Globo, levando um grupo de repórteres, e me convidou para ir junto. Naquela época, eu pensava que televisão era um veículo oficialista, que detestavam reportagens investigativas, com denúncia, então, nem pensar. “Mas a gente está aí para avançar sinais e fazer um trabalho bacana. Vamos embora?”, ele me disse. Não fui. Continuei correndo atrás das minhas histórias. Até que, quando eu estava morando nos Estados Unidos, um dia, assistindo televisão, fiquei maravilhado com os documentários, com as reportagens especiais produzidas pelos repórteres americanos. E lembrei do Mercadante. Liguei para ele tempos depois: “Aquela vaga ainda está valendo? Estou arrependido de ter te esnobado”. “Cara, agora vai ter que fazer um teste, vai se ferrar. Não tem mais vaga nenhuma aqui. Se você provar que é melhor do que alguém que está trabalhando, eu penso no seu caso.” Daí eu fui fazer o teste e nunca vou esquecer: Lula, barbudo, guerreiro, no ABC paulista, gritando palavras de ordem contra a ditadura – era 1980, por aí. Grandes passeatas que invariavelmente acabavam em pancadaria. A Polícia Militar chegava, e a imprensa ficava no meio apanhando, de um lado cacetetes da PM, do outro pedrada dos metalúrgicos. Assim foi meu teste, no meio desta pancadaria.

Inevitabilidade

Nunca me conformei com ela. Talvez o maior medo que eu tenha é o medo da morte. Eu penso nisso e não me conformo com essa história. Bobagem, não é? Perda de tempo. Tem que se viver bem cada momento, cada segundo. Por causa disso, frequentemente, eu não durmo. Não é que tenha mais energia que os jovens, é esse medo de morrer. Querendo viver mais, eu trabalho. Sinceramente, não é raro trabalhar direto 26, 28 horas. A minha mãe fica revoltada com isso. Ela mesma observa quando me vê no vídeo: “Você não dormiu, olheiras imensas”. Mãe observa tudo. E não adianta esconder, eu irradio na cara. Eu jogo água gelada na cara para parecer mais animado.

Profissão Repórter

O surgimento do *Profissão Repórter* tem a ver com a época em que eu estava mais envolvido com reportagens investigativas. Eu demorava muito para produzi-



las, a regra era mais ou menos dois ou três meses. Sempre gostei de apurar o máximo que podia. Quando eu fazia isso para a televisão, me dava conta que eu dedicava todo aquele tempo, meses de procura, para fazer uma denúncia e não dedicava ao acusado o mesmo tempo. Então, comecei a pensar num projeto cuja dinâmica oferecesse essa equidade, esse equilíbrio durante o processo de apuração. A ideia do projeto é ir sempre oito repórteres simultaneamente para a rua atrás do mesmo fato, da mesma notícia. Nem sempre dá. Exige muito equipamento. Seriam oito, dez, 12 câmeras atuando simultaneamente. Mas a gente tenta que quatro repórteres, duas duplas, atuem ao mesmo tempo. Isso aumenta a possibilidade de oferecer boa qualidade ao telespectador.

Realidade brasileira

Nas questões sociais, as pessoas que moram nas favelas, eu acho, são muito mais bem informadas do que as outras, que moram nas áreas mais ricas. Quem mora no barraco de um morro, por exemplo, desce para trabalhar, percorre as duas vias da realidade. Quem mora no asfalto, como dizem no Rio de Janeiro, gente de classe média, jamais sobe o morro. Eu não conheço um patrão que, um dia sequer, tenha ido visitar a sua empregada doméstica lá no alto do morro. E a empregada sobe e desce, conhece os dois lados. Está

tudo dia lá dentro da casa ou do apartamento, conhecendo tudo da família onde ela trabalha. Tem acesso à correspondência, às intimidades todas, às mordomias, aos excessos da classe média alta brasileira. E conhece mais do que isso, conhece o lado perverso que se materializa na forma de um salário medíocre no final do mês. Geralmente, dão para a empregada doméstica aquilo que a filha gasta no salão de beleza.

Qualidade do trabalho

Nunca me disseram “siga o caminho da imperfeição, da não-exatidão, o caminho que aponta a verdade para o outro lado e não o caminho correto”. Claro que por ma-fé ou incompetência, se você perceber que há intenções não-legítimas de uma fonte, de uma autoridade ou mesmo de algum colega – e você quer ficar bem com as suas fontes –, talvez você prefira executar a sugestão deles. A única defesa para este tipo de situação é o esforço de apuração. Se me oferecem uma pauta que não acho boa, eu investigo para provar que a sugestão é insustentável e procuro oferecer algo melhor. Então, se uma fonte ou um colega me oferecem cinco documentos com o conteúdo de uma história parar reportar, tento chegar com 2.005 documentos dizendo: a verdade está deste lado aqui, meu caro. Claro, ninguém vai te dizer: “Ignore esta verdade de 2.005 documentos e siga os cinco docu-

mentos que eu te dei”. Ninguém é maluco. Agora, se você não trabalha, não se dedica, se não é mais bem informado que o seu chefe ou a sua fonte – e você tem o dever de ser mais bem informado que as outras pessoas, sugiro que seja mais bem informado inclusive que o dono do veículo que vai publicar a sua reportagem, – não tem saída.

Uma vez Flamengo...

Sou gaúcho flamenguista, pode? Culpa do rádio. A gente tinha um rádio em casa, nos anos 1950, de válvula, pegava ondas médias e curtas, e eu e minha irmã escutávamos o tempo inteiro. A minha irmã queria ouvir radionovela, e eu os programas de esporte. Eu ficava pedindo um espaço para ela, na verdade, tomando o espaço dela, para ouvir o programa de esportes do meio-dia. Só que eu queria ouvir o do meio-dia e cinco, do meio-dia e dez, do meio-dia e quinze, todos, de todo o país! E não sei por que o nosso rádio

captava muito o Rio de Janeiro. Os jornalistas naquele tempo exageravam um pouco, e eu ficava sonhando de um dia ir ao Maracanã com o Flamengo jogando.

Paixão pelo futebol

Uma coisa que eu não abro mão é jogar futebol. Eu ainda sonho que um dia o Dunga reconheça o meu talento. Eu sou falso ponta-esquerda. Não muito avançado para não encarar o zagueiro, não muito recuado para não dar combate ao atacante adversário. Aliás, eu jogo futebol no primeiro time profissional do Brasil, o Spac – Clube Atlético São Paulo. É um clube de ingleses, inventaram o futebol. Vieram para São Paulo e fundaram o time. A primeira partida foi em 1895. E, realmente, era um sonho meu ser jogador de futebol. Eu seria mais feliz, eu acho, se fosse jogador. Joguei três vezes no Pacaembu – dei uma na trave lá, mas não fiz o gol. Imagina se eu fizesse o gol. A modéstia me impediria... ■

A Canja



Ana Krüger (voz), Carlos Badia (violão), Nico Bueno (baixo) e Mano Gomes (bateria) integram o grupo *Delicatessen*, que mescla o estilo *cool* do jazz com a suavidade da bossa nova. Na canja, *Don't Be That Way* (Mitchell Parish e Edgar Sampson) foi seguida por *Be Careful, It's My Heart* (Irving Berlin). No final, Ana pediu que a plateia a acompanhasse estalando os dedos ao ritmo de *My Baby Just Cares For Me* (Gus Kahn e Walter Donaldson).

